

Echos de Paris e o erro de Excel



O Rapto de Europa, Tiziano, 1559

Após a sua morte, foram publicadas no início do século XX cartas lúcidas e elegantes de Eça de Queiroz, de duas capitais dos mundos onde vivi e onde há muitos portugueses: Londres e Paris. As Cartas de Inglaterra (1905), os Echos de Paris (1905) e as Cartas familiares e bilhetes de Paris (1907). Muitas delas permanecem, infelizmente, actuais. Basta começar pela carta sobre o Afeganistão.

Envio um eco de Paris, onde estou em “exílio” desde 2010. Em Paris, o tema do dia, da semana, do mês, do trimestre e do semestre é o casamento entre pessoas do mesmo género. O debate estende-se agora à adopção por casais formados por pessoas do mesmo género.

Entre direitos humanos, o politicamente correcto e o puro oportunismo político, França distrai-se, como uma criança entre brinquedos. A lei foi aprovada onde tinha de ser e a líder do movimento contra a lei adoptada (lei que admite o casamento civil entre pessoas do mesmo género) chama-se Frigide Barjot. A Senhora Barjot multiplica-se em manifestações, algures entre o meu escritório, perto do gabinete do Primeiro Ministro, e a minha casa, no bairro mais católico de Paris.

Mais do que reclamar do ruído sonoro reclamo do ruído político. França, membro do G7, forte no passado e no presente, arrisca o seu futuro. Recordo-me do ‘casamento gay’ discutido em Portugal, antes do FMI. Lembro-me ‘del matrimonio homosexual’ discutido em Espanha, à beira da ‘crisis’. Devo sofrer da síndrome de Pavlov.

Se é certo que em matéria de direitos humanos não deve haver fila de espera, há que notar que a chamada crise é também um pórtico para uma vida com menos direitos.

A acção colectiva é fundamental e as prioridades também. Mais do que uma crise, parecemos estar numa viragem de modelo: neste acidente de automóvel perdemos duas pernas, e se queremos andar, não podemos esperar que cresçam. Talvez seja boa ideia considerar uma prótese.

Mas sem prótese e já sem uma perna, França, como outros Estados europeus, distrai-se. Parece ser mais um que ignora o elefante na sala do lado, e provavelmente não será o último país a fazê-lo.

Seria importante que num momento tão crítico o equilíbrio entre direitos sociais e retoma económica fosse bem avaliado. Agora que se descobre o erro de Excel e a Austeridade perde peso, é importante considerar soluções de crescimento, de investimento e não de corte cego.

A Europa não existe sem a França e Portugal não existe sem a Europa. E provavelmente a Democracia não existe sem a Europa, que parece estar novamente a ser raptada. A vida pré-1957 não parece especialmente agradável. Sobretudo para a classe média que ainda estava a ser criada e que hoje nem como criada é contratada, saltando da classe média para abaixo da classe operária.

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria,

sendo exclusivamente responsável pelo

respectivo conteúdo e citações efectuadas.

Frederico Alcântara de Melo

frederico.am@gmail.com

Abril de 2013